

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## PRÁXIS, CULTURA E ENFRENTAMENTO: a prática pedagógica do MST e a incidência na formulação e implementação da Educação do Campo

Julia Iara de Alencar Araújo<sup>1</sup>  
Aylana Cristina Rabelo Silva<sup>2</sup>  
Lenilde de Alencar Araújo<sup>3</sup>

### RESUMO (Até 150 palavras)

Este trabalho expõe resultados da análise da relação entre práxis e cultura na incidência dos Movimentos Sociais no enfrentamento às expressões da Questão Social ao tratar das práticas pedagógicas do Movimento Sem Terra (MST), a partir do papel que cumprem os Movimentos Sociais na sua relação com o Estado (sentido amplo e estrito, de Gramsci) e no âmbito das Políticas Públicas. O presente artigo apresenta como a construção de uma pedagogia do Movimento provocou não apenas uma pressão social no interior da Sociedade Civil, mas também um amplo processo de articulação e formulação de políticas públicas, aqui, especificamente, a política de Educação do Campo.

**Palavras chaves:** Cultura, Práxis, Movimentos Sociais, MST, Políticas Públicas, Educação do Campo.

### ABSTRACT

This work exposes the results of the analysis of the relationship between praxis and culture in the incidence of Social Movements in facing the expressions of the Social Question by dealing with the pedagogical practices of the Movimento Sem Terra (MST), based on the role that Social Movements play in their relationship with the State (Gramsci's broad and strict sense) and in the scope of Public Policies. This article presents how the construction of a pedagogy of the Movement provoked not only social pressure within Civil Society, but also a broad process of articulation and formulation of public policies, here, specifically, the Rural Education policy.

<sup>1</sup> Assistente Social. Aluna do mestrado em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Serviço Social (UFRJ) [juh.flamme@gmail.com](mailto:juh.flamme@gmail.com)

<sup>2</sup> Assistente Social, Mestra em Desenvolvimento Socioespacial e Regional (PPDSR/UEMA) e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFMA). [aylanarabelo@gmail.com](mailto:aylanarabelo@gmail.com)

<sup>3</sup> Pedagoga. Mestra em Educação do Campo (UFRB), Graduada em Pedagogia (UFPA). [lenildedomonte@gmail.com](mailto:lenildedomonte@gmail.com)

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

**Key words:** Culture, Praxis, Social Movements, MST, Public Policies, Rural Education.

## 1 INTRODUÇÃO

Na concepção de Gramsci (2011), as relações de classe se reproduzem nas superestruturas, tal como numa arena onde, através de dinâmicas disputas, se estabelece uma Hegemonia; relações estas, segundo o autor, que extrapolam a esfera da dominação econômica. A Hegemonia de uma classe dominante se constrói através de uma direção política *organizada* que gera um consenso coletivo que a respalda e a aceita – consenso este que é em grande medida realizado pela Cultura, através do caráter educativo da direção política exercida num bloco histórico, por ser um âmbito organizador da vida social, dialeticamente articulada ao trabalho e às bases materiais do modo de vida.

A obra gramsciana é marcada pela discussão em torno da formação do poder político e os caminhos necessários para que as classes subalternas possam se tornar hegemônicas através da construção de uma Nova Cultura, onde sejam elas, através de uma unidade revolucionária, economicamente dominantes e politicamente dirigentes. Esta concepção Gramsciana, recoloca e amplia enormemente a importância tático estratégica das discussões sobre Cultura, onde muitas vezes predomina uma leitura economicista que secundariza a relação dialética que se estabelece entre a base material e as relações dinâmicas que se dão na superestrutura. Gramsci não nega a primazia da base econômica, ele amplia o olhar sobre a dinâmica orgânica e sempre em movimento entre as dimensões.

A luta política dos Movimentos Sociais precisa forjar um projeto emancipatório – articulando economia, política e cultura – à luz da formação social das sociedades, das nações (do universal para o particular); para tanto, é fundamental entender a formação de nossa Cultura o Brasil, tendo a cultura popular como um âmbito de interrelação das nossas contradições orgânicas, enquanto sociedade, e de onde se manifestam as amplas e diversas expressões do “senso comum”, disputados na

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Sociedade Civil e calcados nos preceitos históricos que forjaram nossa identidade nacional.

Esta compreensão acerca da incidência cultural dos Movimentos Sociais representa uma importante posição de enfrentamento às expressões das contradições estruturais de nossa “brasilidade”<sup>4</sup>. A escravidão no Brasil, portanto, teve a função de servir ao capitalismo comercial europeu e a acumulação primitiva não pode ser entendida apenas como uma fase, como na via clássica, mas base estruturante da formação social particular do Brasil e, com suas distinções, da América Latina.<sup>5</sup>

Ao atrelarem a vida dos povos à produtividade, os colonizadores impuseram a necessidade do excedente direcionado aos objetivos mercantis e da produção em massa, ou seja, iniciou-se um processo que culminará na inviabilidade da produção para a subsistência mantida como marginalização do homem livre sem-terra e dos escravos alforriados no contexto de uma sociedade ainda escravocrata. Dentre outros elementos, inviabilizou-se paulatinamente a expansão do artesanato indígena como forma criativa integrada ao sistema cultural dos povos originários (MURAD, ano 2013b pag. 88)

É por contraposição histórica que se firmam os Movimentos Sociais, para questionar a aparente naturalidade com que se destina “o não lugar”, o que sobra, a margem, o pior das relações societárias. Quando o estranhamento não encontra organização coletiva, tomada de consciência, descamba em barbárie, como é o caso

<sup>4</sup> Aqui refere-se à colonialidade continuada, construída sob bases eugenistas, racistas, extremamente patriarcais e elitistas. Retomando as ideias de Caio Prado (1996), sabemos que a colonização se deu como etapa fundamental da gestação das relações capitalistas e de acumulação para as transformações nas relações produtivas, na mesma medida em que já, no seu nascedouro, instalava as bases para um desenvolvimento universal sem que fosse necessário abolir de nossas relações os traços mais arcaicos das sociedades anteriores ao Capitalismo.

<sup>5</sup> As relações econômicas e políticas que se estabeleceram na colonização já eram guiadas por necessidades mercantis e também de experimentação civilizatória, de construção de ideias, de comportamentos, de valores, e do desenvolvimento vilipendioso de uma certa ética da subalternidade, que viria a ser a característica fundante de nossas elites, e muito presente no ideário coletivo do senso comum. Subjetividades e Objetividades estas que marcarão as desigualdades de classe a determinar, desde a escravização, e a destruição de nações indígenas, as noções de direito, pertencimento e supremacia: lugar e não lugar.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



da incorporação da extrema violência nas organizações também no interior das classes subalternas, como as facções. Os Movimentos Sociais nascem do direito mais básico, que nossa sociedade não garantiu a todos: comer, morar, trabalhar, ler, escrever, criar.

No Brasil, o direito à terra imbrica, para milhões de famílias, o direito à escola. À leitura de mundo. Não à toa, Paulo Freire encabeçou, nos MCPs (Movimento de Cultura Popular), um trabalho de alfabetização majoritariamente vinculado às comunidades camponesas – população mais carente de acesso aos bens de cultura e educação. O direito à moradia também invoca o direito à produção cultural no seu sentido mais amplo: escola, teatro, música, cinema.

À despeito da desigualdade, as classes subalternas, exercendo autonomia relativa própria da Sociedade Civil, foram mais que capazes de propor para si mesmas e para a sociedades respostas às mazelas societárias que lhes couberam suportar. No mesmo Brasil da subalternidade, da subserviência consciente das elites em relação ao Imperialismo (FERNANDEZ,1998), no mesmo Brasil do genocídio permanente, se criaram experiências como o Quilombo, as Ligas Camponesas, a ocupação de terra, a ocupação de espaços públicos urbanos.

Todas essas experiências organizaram ações culturais, colocaram em pauta proposições concretas em oposição à reprodução passiva da violenta cultura burguesa, na singularidade brasileira. Ações culturais no âmbito artístico, escolar e comunitário (Movimentos de Cultura Popular, Centros de Cultura Popular, Movimentos Eclesiais de base, etc.)<sup>6</sup>.

É a este fazimento cultural que queremos dar ênfase neste artigo, ao tratar das práticas pedagógicas do Movimento Sem Terra, a partir do papel que cumprem os

<sup>6</sup> A colonialidade brasileira fora posta em pauta, problematizada, por diversas ações coletivas, das revoltas aos aquilombamentos e Movimentos Sociais, com mais e menos capilaridade na sociedade. Esta problematização é posta concretamente pela Práxis, ou seja, um movimento reflexivo, crítico e sistemático de atuação prática. A dialeticidade que combina a teoria, a crítica de mundo, com a intervenção concreta sobre a realidade, uma experimentação concreta das possibilidades reivindicatórias e emancipatórias.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Movimentos Sociais na sua relação com o Estado (sentido amplo e estrito, de Gramsci) e no âmbito das Políticas Públicas.

## 1 O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA PROBLEMATIZAÇÃO E PROPOSIÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO MST

É vastíssima, e profícua, a literatura construída acerca da conceituação dos Movimentos Sociais e do seu papel na sociedade em diversos períodos, desde a configuração clássica às contemporâneas – com o advento dos novos movimentos sociais, a cada inflexão nas relações societárias se renovam os esforços de análise, posto que os Movimentos Sociais se resignificam e recolocam sua prática, inovam dinâmicas. Sem dúvida, convergimos aqui para o entendimento de que o Movimento Social parte da necessidade para a organização da ação coletiva. Maria da Glória Gohn (2013), chama a atenção para uma atualidade dos Movimentos em que já se modificaram a natureza de sua intervenção, não mais apenas reivindicatória, mas também propositiva e proativa, cada vez mais especializada em formular e realizar projetos sociais – o que modifica a formação de sua militância e a sua forma de organização.

Como exemplo de organização cultural e educativa, o Movimento Sem Terra caminha para os seus 40 anos de luta organizada, com uma vasta gama de experimentações no campo da formação dos sentidos, chegando à elaboração de uma *Pedagogia do Movimento*, como síntese de sua práxis educativa e política. Em recente exposição, Roseli Caldart (2020) explica que a pedagogia do MST se deu num processo histórico de construção, numa relação concreta de teoria e prática, de reflexão e problematização de seu próprio fazer. Embora esteja se referindo a experiência Sem Terra, sua reflexão pode ser estendida à realidade dos movimentos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

sociais que, de modo geral, se colocam numa perspectiva antisistêmica e cujas ações provocam um tipo emancipatório de enfrentamento<sup>7</sup>.

A maioria dos Movimentos Sociais vê no Estado um alvo de combate (daí a assertiva dos “direitos nossos, deveres do estado”), um oponente dos seus valores democráticos e dos seus ideais civilizatórios, pois em última instância é do Estado a responsabilidade de promoção de direitos sociais, sempre em posição de conflito pela relação contraditória entre Estado e Capital, o Estado como um interventor-mediador das necessidades da classe dominante que se faz valer de duas estratégias fundamentais de controle sobre a Hegemonia: a coesão e a coerção. No caso brasileiro, soma-se aos limites desta relação, que é um limite universal, o tipo estruturalmente racista e patriarcal de nossas elites dominantes representadas por um Estado autoritário, num tipo de democracia fragilizada altamente influenciada por agentes de dominação externa. As Políticas Públicas acabam por servir de termômetro desta correlação de forças, e indicativo do afrouxamento ou acirramento das medidas coercitivas e minimalistas do Estado.

Não é possível para o Estado, nem mesmo na sua forma estrita, evitar completamente a incorporação das pautas e proposições, ou mesmo a presença dos Movimentos Sociais, na sua atuação. A Inclusão Social, na mesma medida em que é conquista para quem reivindica, representa maiores possibilidades de controle social para o Estado (Gohn, 2013). Certamente que este fato não torna a conquista de Políticas Públicas um fato menor, ou negativo. É justamente a efetivação das Políticas Públicas que pode garantir, contraditoriamente, freios à exploração sem limites do Capitalismo.

<sup>7</sup> “Pedagogia (...) não é só teoria, não é só prática. É *práxis*, no sentido de intencionalidade educativa pensada desde a reflexão sobre práticas em pleno curso. Reflexão que dialoga com chaves teóricas formuladas desde outras práticas. E com fundamentos que não se referem somente à educação e sim ao todo de um projeto histórico. Pedagogias com finalidades emancipatórias se realizam como construção e reconstrução vivas, que continuam, e nunca de maneira linear, uma história de tempo longo. Pedagogias vivas têm base prática real e pedem, elas também, lutadores e construtores, que se formam no movimento de luta e construção. Movimento prático e teórico, presencial, coletivo. Movimento que tende a ser contraditório porque histórico” (CALDART, 2020, p.4).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Nessa arena ressaltamos o papel organizativo dos movimentos sociais em relação às demandas por direitos, e conseqüentemente políticas públicas, através de articulação e mobilização popular em torno das demandas concretas da classe trabalhadora. Assim como, a capacidade aglutinadora dos movimentos e a ampliação dos debates em torno das demandas/necessidades, comumente proporcionando espaços alternativos de participação popular no entendimento das condições de vida e construção de mediações e projetos de transformação.

Ainda, o papel reivindicatório de pressão e a agitação social. Quanto à ação política dos movimentos sociais é preciso reafirmar a natureza e o papel dos movimentos sociais no seu lugar no âmbito das contradições do capitalismo, mesmo quando a pressão organizada pelos movimentos sociais implica a necessidade de diálogo com o Estado. A função do MS é fundamentalmente contestatória e deve ser iminente crítica. O lugar da reivindicação cumpre um papel histórico importante na correlação de forças da sociedade<sup>8</sup>.

O papel de “intelectual orgânico” como sujeito coletivo e pedagógico dos movimentos, como já salientamos acima, como sujeito coletivo que elabora, exercita a formulação de políticas públicas e propõe – e que muitas vezes executa as ações de cerne das políticas públicas. Quanto mais um MS consegue articular suas pautas, os seus objetivos, a sua leitura crítica à construção ampla de médio e longo prazo de um projeto que envolva alianças, que envolva a articulação profunda e permanente com outros movimentos e instrumentos políticos da classe trabalhadora, maior é o seu fôlego de atuação<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> O papel reivindicatório também precisa ser pensado no contexto em que o governo é dirigido por forças progressistas ou de esquerda. A abertura, a forma e a profundidade do diálogo evidentemente se modificam nesses casos, alterando o tom do diálogo, mas sem destituir o lugar permanente da crítica coletiva, da busca por participação popular nos processos decisórios, por efetivação das reivindicações pautadas junto a estes governos e não exime os MS do seu lugar histórico de mobilização. Nem sempre esta relação é tranquila, mesmo em governos populares – justamente porque um governo não altera a natureza burguesa do Estado. Vale ressaltar que o diálogo é sempre mediado pelo conflito. Em diversos graus de violência ou abertura, a exemplo do que foram os massacres de Eldorado dos Carajás, Corumbiara e Felisburgo. Com incidência direta do estado brasileiro.

<sup>9</sup> O papel formador que cumprem junto as classes subalternas é muito importante para qualificar o olhar coletivo e a própria reivindicação e construção das pautas por direitos. É muito evidente nos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Este caráter de contribuir para construção de projetos populares para o Brasil, resguardados todos os desafios que nosso tempo histórico nos impõe. Contribui para que os Movimentos Sociais atuem num importante campo de experimentação de formas alternativas de organização social, pensaremos no caso da Educação do Campo desde uma construção coletiva surgida da luta histórica dos camponeses, no Brasil. Aqui o Movimento Social pauta para o Estado que tipo de escola, que tipo de educação é adequada aos seus territórios, a partir da experimentação auto-organizada, a partir da formação dos seus educadores, de uma abertura à educação popular e a organização da luta nesses territórios.

Organização Cultural concreta: seja ao pautar a formação dos sentidos, os processos de humanização das relações e consequente projeto de emancipação - percebe e articula perspectivas omnilaterais da formação. Seja na tentativa de democratizar os acessos aos bens de cultura, formação e informação (papel semelhante ao da agitação e propaganda proposto pela revolução russa). O exemplo russo abre caminho para uma articulação entre a Pedagogia Socialista, sistematizada por Krupskaya, a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e a Pedagogia do MST – tripé mais que adequado para perceber a força dinâmica da Práxis potencial nos Movimentos Sociais e o sentido projetivo dos legados das diversas expressões da organização política das classes subalternas.

## 2 RELAÇÕES ENTRE A PRÁXIS PEDAGÓGICA DO MST E A FORMULAÇÃO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Desde seu início como movimento social organizado, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra parte das experiências históricas de organização política e cultural das revoluções na América Latina, em especial a sandinista, e

últimos 30 anos, como os Movimentos Sociais cresceram sua capacidade de formar quadros, militantes e a sua própria base social. Sem dúvida que isto altera a capacidade de pautar políticas públicas e, mais que isso, acompanhar e avaliar sistematicamente a sua eficácia e contradições.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

experiências populares do Brasil para embasar seus princípios políticos e estratégias de mobilização e organização de territórios, o que o coloca, mesmo num momento de fundação, como um movimento com profundas pretensões culturais. Nascendo de um momento de intensa crise política e econômica, na década de 1980, o principal instrumento de pressão e reivindicação constitutivo do MST, a ocupação de terra, se coloca como resposta a um problema estrutural do Brasil em relação ao modo de vida: a irrealizada Reforma Agrária, que excluiu e expropriou uma extensa parcela da população brasileira dos direitos humanos mais básicos como moradia, alimentação e trabalho.

Um fato relevante para a compreensão da ampla dimensão de Práxis que o MST vivencia desde sua gênese é resgatar as bibliografias de análise das práticas culturais e das práticas educativas datadas ainda dos primeiros anos de articulação do Movimento<sup>10</sup>. A despeito de descartarmos, como já nos alertou Caldart, uma ideia de pedagogia dada *a priori* e sim a partir de um processo de construção, não é por acaso que se desenvolvem fortes experiências organizativas com incidência na construção de novas cultura políticas no MST.

O movimento teve como direção política uma geração jovem muito influenciada pela teologia da libertação, que teve um protagonismo importante nos movimentos populares da América Latina; bem como uma forte inspiração internacionalista avivada pelas Revoluções Cubana e Sandinista. As efervescências das lutas sociais da década de 80 do século XX, provocadas pelas mudanças na dinâmica do trabalho, o êxodo rural, os conflitos por terra e a ausência de respostas concretas do Estado, proporcionaram um clima de insurgência, um resgate do velho lema das Ligas Camponesas: na lei ou na marra. O MST já nasce com uma dupla determinação: cumprir com uma demanda histórica, imediata na necessidade, mas revolucionária na concretude – pois que problematiza a propriedade privada e projeta um horizonte socialista. A cultura política do MST germina na ocupação de terra, primeiro em

<sup>10</sup> Sem Terra com Poesia de Roseli Caldart, dissertação de mestrado de 1987. Em 1999, também sistematizado por Roseli, a partir das elaborações coletivas, o livro Pedagogia do Movimento demarca um importante momento de compreensão do MST sobre a sua práxis e fazer pedagógico.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

regime de urgência, posto pela necessidade, o que desemboca na construção de um repertório político cultural aportados pela experiência de vida dos sujeitos Sem Terra; e depois como princípio político, aportados pela maturidade dos intelectuais orgânicos produzidos pela organização política.

A clareza de que a organização de território, ou seja, a constituição de assentamentos que reivindicam para o Estado, na sua forma de Sociedade Política (GRAMSCI), as condições para a sua plena estruturação (meios de produção, políticas públicas, autonomia etc.), se dá junto de uma decisão política de problematizar, criticamente, o modo de vida. Este é um passo importante dado pelo MST, que faz com que o seu engajamento e o seu projeto político esteja para além da conquista imediata da terra. A construção de território, com base na transformação das bases e matrizes produtivas, e nas relações sociais, é uma ação que o torna também um movimento cultural.

Para exemplificar a construção do MST como um protagonista na experimentação e construção de práticas educativas críticas – que culminarão em momentos importantes como a formulação e criação da política de Educação do Campo – está a providência formativa que o movimento cultiva em todos os processos organizativos: o trabalho de base, a ocupação da terra, a resistência, a conquista do território, a construção coletiva do território conquistado, o vínculo permanente com a luta e com a construção do movimento como um instrumento político – ou seja, a unidade com as lutas da classe trabalhadora.

Na Prática a palavra de ordem “Estudo, trabalho e luta permanente”, é um lema que norteia a ocupação de terra, o lema que encaminha a construção do barraco da escola no acampamento, as campanhas de alfabetização, as escolas itinerantes, as escolas e cursos de formação política que muito rapidamente formaram quadros militantes e formadores para garantir o princípio da “divisão de tarefas”, da direção política coletiva, e onde se instauram dois importantes princípios da Pedagogia do Movimento: a luta e o trabalho como princípios educativos. Esses dois princípios são justamente o principal ponto de ligação com a Pedagogia Socialista e a Pedagogia do

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Oprimido construídas em outros momentos da experiência histórica dos processos de luta social.

A principal contribuição da Pedagogia Socialista se dá no aspecto da vinculação entre educação e trabalho, e da apropriação da teoria dos pedagogos russos como Krupskaya, Shulgin e Pistrak, que colocam a necessidade de desde cedo as crianças serem colocadas em contato com o trabalho, na perspectiva de apreensão e dominação do processo de produção social, para que os trabalhadores saiam da condição de alienação.

Caldart (2021), ao estabelecer o elo de fundamentação entre a Pedagogia do Movimento e a Pedagogia Socialista, afirma:

A compreensão do *princípio educativo do trabalho*, como parte do projeto histórico da classe trabalhadora e do arcabouço de análise que o sustenta, conecta a Pedagogia do Movimento à construção histórica da Pedagogia Socialista. Esta compreensão nos permite *concretizar* o objetivo do que se tem nomeado como “educação emancipatória” ou “educação libertadora”, ou para formar lutadores e construtores. Na forma de sociedade em que vivemos a *emancipação* se realiza fundamentalmente como *desalienação*. Libertar-se da alienação que funda o modo de produção capitalista, e que se estende da forma histórica de trabalho que a institui para o conjunto das dimensões da vida humana, é ao mesmo tempo objetivo e condição revolucionária. (2021, p.2)

Quanto à Pedagogia do Oprimido, a principal relação é a necessidade de que os oprimidos desenvolvam sua própria pedagogia. É preciso pensar sobre a opressão em que vivem os povos do campo, sejam quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, sem-terra, indígenas. Pensar na negação dos direitos básicos e fundamentais a esses povos, incluindo o direito à educação. Paulo Freire aposta numa educação não para o povo, mas como o povo. Em uma cultura emancipadora e libertadora, uma educação para a libertação que seja capaz de desenvolver a autonomia dos oprimidos, a auto-organização a imaginação e criatividade política e a centralidade de um trabalho não alienado.

A construção de uma práxis cultural e educativa não se deu num momento, ou dinâmica, à parte da luta pela sobrevivência e consolidação do movimento, mas em meio à extrema violência do latifúndio. As crianças, os jovens e adultos, iam acessando a leitura do mundo simultaneamente à criação da identidade Sem Terra.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Em 1997, a Marcha Nacional, que pedia, emprego, reforma agrária e justiça pelos trabalhadores assassinados no Massacre de Eldorado dos Carajás, garantiu do governo de Fernando Henrique Cardoso importante conquista, na área da educação, para os movimentos camponeses: a criação do Programa Nacional de Educação em áreas de Reforma Agrária (PRONERA) – a marcha contava com 1.300 marchantes e foi recebida em Brasília por 100 mil pessoas. Na sequência tivemos o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras das Áreas de Reforma Agrária (ENERA), que lançou um manifesto que continha pontos importantes para as discussões vindouras acerca da Educação do Campo<sup>11</sup>

O manifesto construído no I ENERA, demarca a clareza tático estratégico do MST de acordo com os seus três objetivos fundamentais: terra, reforma agrária e o socialismo. A transformação societária está posta, organizando uma importante noção de devir. Não será objeto deste artigo, mas é profundo o debate cultural no interior do movimento, há pelo menos 20 anos de estudo e acúmulo coletivo na construção de uma concepção de cultura, nos apontamentos para construção de uma revolução cultural (BOGO, 2000), atualmente representado pelo programa de Reforma Agrária Popular.

A repercussão do ENERA motivou a realização de uma outra que consideramos um dos marcos mais importantes na constituição da educação do campo, a I Conferência Nacional de Educação do Campo, em 1998, onde se afirmou o paradigma da educação do campo dos povos do campo, à sua cultura, identidade, e às lutas dos movimentos sociais pelo direito à terra, ao trabalho, à educação, e, a uma vida digna<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Ver documento na íntegra MST Reforma Agrária: uma luta de todos<sup>1º</sup> Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária Homenagem aos educadores Paulo Freire e Che Guevara Brasília, 28 a 31 de julho de 1997. (Folha de São Paulo, 1997)

<sup>12</sup> Durante a preparação da I Conferência, que se deu através dos encontros realizados nos estados, foi-se dando origem ao paradigma da educação do campo, onde se discutia como garantir que todas as pessoas que vivem no campo tenham acesso a uma educação de qualidade e de acordo com a realidade em que vivem, se refletia sobre que educação deve ser ofertada no campo, assimilando o conceito de educação como um processo de formação humana que deve estar vinculado à leitura de mundo, à intervenção na realidade, um conceito que está para além da escolarização, conforme bem define a Lei de Diretrizes Bases da Educação – LDB, de nº 93.94/96 no seu artigo 1º: “A educação

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

A composição desse novo paradigma, exigiu que a expressão rural fosse substituída por campo, com base na reflexão de que é preciso considerar os diversos povos que vivem no campo, seja os quilombolas, indígenas, sem-terra, assentados, assalariados rurais, ribeirinhos, e suas formas de sobrevivência, de produção e reprodução de sua existência. Na ideia de que não basta que se conquiste as escolas no campo, é preciso construir escolas do campo com projetos políticos pedagógicos concebidos com a participação dos sujeitos, considerando sua realidade, cultura, modo de vida, seus anseios e necessidades, e afirmar a educação do campo, e não apenas no campo<sup>13</sup>.

A Educação do Campo é uma política em permanente construção ora com avanços significativos, ora com grandes retrocessos, como o dos últimos 6 anos – passando por desmontes do governo Temer e Bolsonaro. Está em constante processo de análise, de esforço de construção junto aos municípios, movimentos e territórios, enfrenta muitos desafios para a sua concretização, pois predomina uma concepção bancária (FREIRE) que não considera a especificidade das escolas do campo, dos territórios, das trajetórias e dos saberes populares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tomarmos os movimentos sociais como um tipo especial de Intelectuais Orgânicos, segundo a formulação de Gramsci, chegaremos numa interessante convergência de tarefas políticas históricas que podem ser aplicadas ao desafio que nos propusemos a levantar neste artigo: o de, a partir do real, das experiências do tempo presente (calcadas nos legados históricos) os caminhos para a construção de

abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

<sup>13</sup> Ver documento com princípios filosóficos da Educação do Campo, oriundos desse percurso (BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. Lei 9.394/96)

PROMOÇÃO



APOIO





uma nova Cultura. Gramsci, Krupskaya e Caldart sistematizaram tarefas importantes para os formadores, artistas, dirigentes políticos<sup>14</sup>.

Os três autores convergem na necessidade premente e irrefutável de um trabalho conciso no âmbito da cultura, na construção emancipatória, que mesmo num senso de devir da Nova Cultura, deve ser construída no presente, ser amplamente divulgada, propagandeada e enraizada entre a sociedade civil; e desenvolver nas suas organizações os princípios educativos junto ao povo, como condição fundamental para a transformação social.

Estas “tarefas” colocadas para os Intelectuais Orgânicos (esta categoria tem um amplo alcance, de lideranças, dirigentes políticos, comunicadores e formadores e artistas) convergem com a ação dialógica que Paulo Freire propõe em *Pedagogia do Oprimido*, da formulação humanizadora de uma pedagogia capaz de construir colaboração, união, organização e sínteses culturais, que para o autor são bases para a construção, efetivamente coletiva e participativa, para revolução<sup>15</sup>.

Compreender que a intervenção dos movimentos na realidade promove um trabalho necessário no âmbito da cultura nos ajuda a organizar as tarefas do tempo presente, considerando o momento de agudas e violentas contradições na sociedade brasileiras – pautadas e embrutecidas pela direção política e cultural do neofascismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGO, Ademar. *O MST e a Cultura*. In: **Caderno de Formação Nº 34**. MST. São Paulo, 2000.

<sup>14</sup> A saber: a) Para Gramsci, os Intelectuais Orgânicos devem: 1) CONHECER o senso comum; 2) ESTUDAR, analisar o senso comum, e extrair dele seu núcleo sadio (bom senso); 3) TRABALHAR o bom senso de todas as formas – aperfeiçoar o bom senso; 4) DESENVOLVER, junto às massas, o bom senso. Para Krupskaya, os artistas-militantes da revolução (Intelectuais Orgânicos) devem trabalhar para: informar, formar, organizar, enquanto para Caldart, a produção cultural dos sem terra tem a função de: animar, educar, politizar.

<sup>15</sup> As bases lançadas por Paulo Freire (1987) ajudam a pensar este trabalho a que Gramsci desafia os intelectuais revolucionários, o de desenvolver – de modo orgânico, pertencente às classes subalternas, com firme convicção político-ideológica – o senso comum para uma tomada de consciência, para a evolução de um pensamento crítico fundamentado na filosofia da práxis.

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



CALDART, Roseli Salette. *Sem Terra com poesia: a arte de recriar a história*. Editora Vozes. Petrópolis: 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Movimento*. In: Caldart, Roseli S. et.al (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. *Programa Escola Ativa - Orientações Pedagógicas para a formação de educadoras e educadores*. Brasília: SECAD/MEC, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Movimento: processo histórico e chave metodológica*. MST, 28 mai. 2021. Biblioteca. Disponível em: <https://mst.org.br/download/pedagogia-do-movimento-processo-historico-e-chave-metodologica/>. Acesso em: 14 nov. 2022. COUTINHO, CARLOS NELSON (org.). *O Leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2011.

FERNANDES, F. Padrões de dominação externa na América Latina. In: BARSOTTI, P.; PERICÁS, L. B. **América Latina – história, ideias e revolução**, São Paulo: Xamã, 1998

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2013.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais orgânicos e a organização da cultura*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere Vol 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedito Croce*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2004.

MURAD, Larissa C. *Um povo sem pernas, mas que caminha!*: Cultura e resistência em condições de acumulação primitiva. In: *Estados da plebe no capitalismo contemporâneo*.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1996

WILLIAMNS, Raymond. *Base e superestrutura na teoria da cultura marxista*. In: **Cultura e Materialismo**. Editora UNESP. São Paulo, 2011.

KRUPSKAYA, N. K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017

PROMOÇÃO



APOIO

